

10 LUSO GRAS III - 37

INDICE DO TEXTO

AFRICA. — Os ingleses no Egypto, 54.

ALLEMANHA. — Os reis na Alsacia, 381.

AMERICA. — Panamá: Uma nova cidade, 103.
— No rio Leteaps, 245.

AUTOGRAPHOS. — Alphonse Daudet (assignatura), 359.
— Anthero do Quental: *Evolução*, poesia, 303.
— Antonio Peijó (assignatura), 366.
— Bismarck (assignatura), 1.
— Bramcamp: Uma carta, 371.
— Carlos Gomes (assignatura), 128.
— Filho d'Almeida (assignatura), 363.
— Guerra Junqueiro: *A doação* (fragmento), 295.
— Mariano Pina (assignatura), 355.
— Oliveira Martins: Um trecho da *Historia romana*, 279.
— Ramalho Ortigão: Depois d'um domingo em Clifton, 278.
— Visconde do Arneiro (assignatura), 368.
— Zola: Carta á Illustração, 131.
— Zola: Carta acerca da traducção do *Germinal*, 206.

BELLAS-ARTES. — Avil: Durante o carnaval, 42.
— Ambrósio: *A Família sagrada*, 354.
— Barraghi: *A cabra cega*, 54.
— Bellecroix: *Uma boa presa*, 259.
— Benjamin Constant: *Mulheres de Marrocos*, 318.
— Buland: *Nem cinco reis*, 246.
— Chaplin: *Mocidade*, 335.
— Clairin: *Depois da victoria*, 158.
— Clairin: *O drama e a musica*, 283.
— Columbano (o grupo do Leão), 22.
— Comerre: *Pierrot*, 59.
— Dagnan: *Vaccina*, 341.
— Delobbe: *A primeira entrevista*, 204.
— Deschamps: *A mãe*, 266.
— Dupré: *O pastor*, 283.
— Edelfelt: *Em casa do artista*, 133.
— Edelfelt: *No mar do norte*, 293.
— Edelfelt: *Serviço divino d'beira mar*, 214.
— Ferrier: *A primavera*, 103.
— Gervex: *A volta do baile*, 134.
— Gervex: *O jory do Salão*, 158.
— Giacometti: *Primeira neve*, 6.
— Guillou: *A fiação de Pesca*, 246.
— Haquette: *Diante da cruz*, 339.
— Lange: *Os primeiros passos*, 214.
— Lhermitte: *A vingança*, 315.
— Lhermitte: *A victima do Natal*, 364.
— Lhermitte: *A missa do gaila*, 361.
— Lhermitte: *A caminho da igreja*, 360.
— Lorenzetti: *Um bronze italiano*, 263.
— Malhada: *(do grupo do Leão)*, 22.
— Manet: *O toureiro morto*, 118.
— Mara: *Os bailes de creanças*, 42.
— Mariva Michel: *As duas virgens*, 134.
— Martini: *A cigarra*, 118.
— Moreau: *Um egyptologo*, 67.
— Moret: *O martyrio de Jesus de Nazareth*, 86.
— Ramalho: *Retrato de Mme M.*, 158.
— Ramalho: *Cris de São Wladimir*, 382.
— Rapa: *Novembro*, 331.
— Rato: *Caim*, 341.
— Seymour: *Vendedora de laranjas*, 367.
— Silva Porto: *(do grupo do Leão)*, 22.
— Souza Pinto: *A apanha das batatas*, 383.
— Sousa Pinto: *Antes da escola*, 158.

BELLAS-ARTES. — Stewart: *Disfarce*, 382.
— Tappa: *A carta de boas festas*, 6.
— Tomasi: *Presente do Natal*, 366.
— Villaza: *Ave Maria*, 383.
— Xanter: *Titania*, 331.
— Zier: *Esther*, 230.
— Walker: *Ultimas flores*, 331.

BIOGRAPHIAS. — Affonso XII, 381.
— Aimé Morot, 150.
— Antonio Augusto d'Aguiar, 54.
— Anthero do Quental, 282.
— Bastien Lepage, por A. M., 11.
— Benjamin Constant, 150.
— Berton, 150.
— Bismarck, 6.
— Boanet, 150.
— Boulanger, 150.
— Bouguereau, 150.
— Boudallo Pinheiro (Raphael), 79.
— Brancamp, 392.
— Cabanel, 150.
— Capello e Ivens, 331.
— Carlos Duran, 150.
— Duax, 150.
— Eça de Queiroz, 228.
— Edmond About, 42.
— Emile Perrin, 332.
— Feyen-Perrin, 150.
— Ferrao (dr.), 245.
— Gervex, 150.
— Gordon, 67.
— Guerra Ingleira, 283.
— Gustavo Doré, 80.
— Henner, 150.
— Luiz Couty (dr.), por *Escragnolla Taunay*, 197.
— Marquez de Pennafel, 6.
— Oliveira Martins, 281.
— Olivier Pain, 284.
— Paul Laurens, 150.
— Pereira Reis (dr.), 59.
— Pinheiro Chagas, 230.
— Puyis de Chavannes, 150.
— Ramalho Ortigão, 282.
— Renouf, 150.
— Rochefort e o Intransigente, 283.
— Roll, 150.
— Rosa, pae, 19.
— Sarah Bernhardt, 19.
— Sardou, 19.
— Theodorico (actor), 116.
— Thersopolis (barão de), 246.
— Valentin de Magalhães, 118.
— Vallés (Julio), 79.
— Zola (de Rip), 99.

HELIOGIA. — A exposição d'Anvers, 297.
— O cinquentenario dos caminhos de ferro, 283.

BIBLIOGRAPHIA. — Por *Figari*, 207, 384.

BRAZIL. — Barcos no Amazonas (desenho de Villaza), 7.
— Estrada de ferro Principe de Grão Pará, 59.
— A praia da Sandade, 83.
— A bahia de Botafogo, 103.
— A bahia do Rio de Janeiro, 118.
— A *Semana* (revista litteraria), 118.
— A pedra do marico, 134.
— Ponte rustica, 246.

BRAZIL. — O Brazil em Anvers, 262.
— A cascata grande da Tijuca, 363.

CONTOS. — Abel Acacio: *Uma corrida de talres no Sabugal*, 311.
— Balthazar Osorio: *Os mequinos*, 347.
— Banville: *A saia de seda*, 85.
— Banville: *Memento Vivere*, 103.
— Conde do Ficalho: *A maluca d'A dos Corvos*, 37.
— Coppée (François): *Maman Nani*, 71.
— Coppée (François): *Vícios do capitão*, 219.
— Coppée (François): *O bocado de pão*, 265.
— Coppée (François): *A lenda do manuscrito*, 342.
— Daudet: *A Arlesiana*, 103.
— Daudet: *A mula do papa*, 234.
— Daudet: *O homem dos miolos d'ouro*, 320.
— Daudet: *Uma desillusão*, 358.
— Eça de Almeida: *A noiva*, 327.
— Filho d'Almeida: *Nymphas no bosque*, 258.
— Filho d'Almeida: *A princezinha das rosas*, 362.
— Teixeira de Queiroz (Bento Moreno): *Nosso Senhor Jesus Christo*, 101.
— Vallés (Julio): *O Santo Antonio*, 66.

CRITICAS. — Abel Acacio: Carta acerca da chronica *Um preambulo*, annotada por Mariano Pina, 156.
— Eça de Queiroz: Uma carta sobre Victor Hugo, 251.
— Jayme de Seguer: *Deux amies* (de René Maize), 6.
— *Lettres à une honnête femme*, (de Quatreliis), 6.
— *As mil e uma noites de theatro* (de Vito), 6.
— *Hesperus* (Cataldo Mendes), 18.
— *Verbas de Alfredo Bugnet*, 18.
— *Cancões d'Abril*, 18.
— *A janella da Occidente* (Feijó), 33.
— *Victor Hugo* (Paulo de Saint-Victor), 31.
— Paulo Bourget, 103.
— Camillo Lemonnier, 103.
— *Cartas chimericas* (Banville), 114.
— Guy de Maupassant, 114.
— *Velhice do Padre Eterno* (Junqueiro), 310.
— *A Hollanda* (Ramalho Ortigão), 303.
— Mariano Pina: A traducção do *Germinal*, 206.
— Resposta do sr. Abilio Lobo, 214.
— Teixeira d'Azevedo: Aspectos escocizes, 373.

CHRONICAS. — Mariano Pina: Poemas e prosadores, 34.
— *O Antonio Maria*, 49.
— *Cousas feminis*, 82.
— *Um preambulo*, 98.
— *Ennio Zola*, 130.
— *O Salon de Paris*, 146.
— *Zola e Eça de Queiroz*, 162.
— *Victor Hugo julgado por Guerra Junqueiro*, 178.
— *Em Bruxellas*, 194.
— *O grupo do Bas-Rhin*, 210.
— *Portugal em Anvers*, 226.
— *Esnetica naturalista*, 249.
— *Os que começam*, 259.
— *A Velhice do Padre Eterno*, 273.
— *A Hollanda*, 290.
— *A typographie em Portugal*, 306.

- CHRONICAS.** — Mariano Pina: Resposta a Garret (A 1.ª jornada) e commungão, 321.
— — Sua Magestade o Cantor, 338.
— — Alônsio XII, 376.
- ERRATA.** — A Invenção na Roumella, 331, 332.
- ESPANHA.** — Os tremores de terra, 43, 51.
— Precisão da sexta feira de Paixão em Sevilha, 83.
— Corrida de toiros, 123.
— O cholera, 211, 315.
— Conflicto hispano-alemão em Madrid, 285, 291.
— Madrid. — O palacio do Pardo, 383.
- HISTORIA.** — Oliveira Martins: *Nôta*, 175.
— Theophilo Braga: *As lendas christãs*, 182.
- HUGO (Victor).** — O nascimento de Victor Hugo, 83.
— A morte de Victor Hugo, 162, 165.
— Gloria ao genio, 163.
— A casa onde nasceu Victor Hugo, 163.
— Logares amados de Victor Hugo, 164.
— Victor Hugo (retrato), 164.
— O general José Hugo, 164.
— A casa onde morreu Victor Hugo, 164.
— A sala de recepção de Victor Hugo, 166.
— Funeraria de Victor Hugo, 179.
— Hymno a Victor Hugo, 182.
— Um desenho de Victor Hugo, 203.
— Victor Hugo e as suas obras, 203.
— Quatro retratos de Victor Hugo, 243.
— Um desenho de Victor Hugo, 243.
- ILUSTRACOES.** — Adrien Marie: *Villegiature*, 243.
— Caran d'Ache: *Página alegre*, 211.
— Caran d'Ache: *Um drama horrivel*, 262.
— Caran d'Ache: *Página alegre*, 342.
— Chelmowski: *Os banhos do mar*, 262.
— Job: *Página alegre*, 315.
— Paredes: *O dia de finados*, 315.
— Ramalho: *A malha d'A dos Corvos*, 221.
— Ramalho: *Escadamento*, 208.
— Villaga: *Um anno que se foi*, 22.
— Villaga: *Uma primeira pagina*, 158.
- INGLATERRA.** — Londres: As noticias do Egypto, 57.
- ITALIA.** — O dia de Reis em Roma, 100.
— Roma: A viagem dos Garçons, 254.
- LISBOA.** — O Antonio Maria, 67.
— A Kermesse dos juraditos, 193.
— A *Arizana* no Theatro de D. Maria, 271.
- MORMA.** — Noticia sobre Marmo, 6.
- NOTAS E IMPRESSOES.** — 14, 238, 255, 330, 382.
- NUMISMATICA.** — O dinheiro de Judia, 83.
- PARIS.** — O inverno em Paris, 60.
— O Boulevard dos Italianos, 71.
— A exposição dos quadros de Huseiro, 100.
— A livreria Charpentier, 103.
— O dia do *Verisage*, 134.
— Nas margens do Sena, 134.
— Ultima moda, 134.
— Durante o verão, 203.
— O *Grand-Prix*, 203.
— Em frente do mocho de Longchamp, 204.
— No dia 24 de julho, 214.
— A estatua de Voltaire, 227.
— O Arco do Triunpho, 235.
— Ultima moda, 262.
— Os domingos no Sena, 263.
— Um meeting de socialistas, 294.
— As eleições, 331.
— Capello e Ivous em Paris, 366.
- PEREGRIN.** — Alberto Bramão: *Qui obscuro*, 327.
— Albertina Paraiso: *An mar*, 286.
— Alberto d'Oliveira: *Proclamação*, 51.
— Alberto d'Oliveira: *A janella de Julietta*, 38.
— Alberto d'Oliveira: *Cafes pastidos*, 182.
— Alberto d'Oliveira: *Aphrodite*, 164.
— Alfredo Alves: *O passado*, 256.
— Alfredo Alves: *D. Sebastião em Alcobaca*, 270.
— Alfredo Alves: *As sandeas de D. João II*, 283.
— Anthero do Quental: *A evolução*, 308.
— Antonio Falcão: *Oriental*, 360.
— Antonio Kobre: *Santa Cecilia*, 259.
— Bernardo Lucas: *Vespertinos*, 225.
— Eça de Almeida: *Nota litterica*, 267.
— Eça de Almeida: *Da meu intermezzo*, 315.
- PORTUGAL.** — Visão do Porto, 132.
— Uma paisagem no *Monte Tejo*, 224.
— A exposição Portuguesa em Anvers, 224.
- ROMA.** — A peste em Asquani, 7.
— O inverno, 331.
- SUBSIDIARIA.** — Noticias scientificas, 7, 11, 15, 67, 117, 127, 134, 175, 186.
— Theoria das manchas solares, 43.
— Os tremores de terra em Andaluzia, 15.
— Estudos sobre a incubação, 27.
— Os surdos e a litteratura do movimento dos bibas, 62.
— Os microbios beneticos, 75.
— Os jogos e a intelligencia, 94.
— A rainha do seculo, 196.
— A intelligencia dos animaes, 186.
— Pastor e a vaccina da hydrophobia, 252.
- THEATROS.** — Por Bastillo, 14, 100, 126, 238, 277.
— O sexto acto de *Theodora*, 22.
— Um fragmento de *Theodora*, 30.

INDICE DAS GRAVURAS

NOTA. — Neste volume ha dois supplementos. — O do n.º 12 deve ser na encadernação collocado entre os n.ºs 11 e 12. — O do n.º 23 entre o presente indice e o n.º 1.

- AFRICA.** — Os inglezes no Egypto, 56 e 57.
- ALLEMANHA.** — O dia de reis na Alascia, 372.
- AMERICA.** — Panamá, uma rua da nove cidade, 128.
— No rio de Lesscps, 252.
- BELLAS-ARTES.** — Adan: *Depois do trabalho*, 158.
— Avril: *Durante o carnaval*, 40 e 41.
— Azambra: *A Família sagrada*, 333.
— Barzaghi: *A cobra cega*, 49.
— Benjamim Constant: *As mulheres de Marrocos*, 317.
— Bouguereau: *A adoração dos pastores*, 157.
— Bouguereau: *A adoração dos magos*, 157.
— Buland: *Nem cinco reis*, 255.
— Boulanger: *Corriella*, 152.
— Chaplin: *Mocidade*, supplemento ao n.º 23.
— Clairio: *Depois da victoria*, 153.
— Clairio: *O drama*, 281.
— Clairio: *A musica*, 284.
— Columbano: *Um retrato*, 27.
— Comarre: *Pierrot*, 53.
— Comarre: *Uma fidelguinha Luiz XV*, 145.
— Daguan: *A vaccina*, 344 e 345.
— Delobbe: *A primeira entrevista*, 202.
— Doré: *A parca e o anão*, 81.
- BELLAS-ARTES.** — Doré: *Os mendigos de Burgos*, 92.
— Doré: *Uma donna funebre*, 93.
— Dupré: *No prado*, 120 e 121.
— Dupré: *O pastor*, 280.
— Edelfelt: *Em casa do artista*, 120.
— Edelfelt: *O serviço divino á beira mar*, 216 e 217.
— Edelfelt: *No alto mar*, 280.
— Feyen: *Antes da tempestade*, 155.
— Feyen-Feyen: *Seismando*, 156.
— Fortier: *A primavera*, 105.
— Gervex: *O jury de pintura*, 148.
— Gervex: *A volta do baile*, 137.
— Giacomelli: *A primeira neve*, 5.
— Groleon: *Uma indicação*, 150.
— Guillou: *Uma lição de pesca*, 248 e 249.
— Haquette: *Ultimas flores*, 328.
— Jurdain: *Uma nuvem*, 155.
— Lange: *Os primeiros passos*, 221.
— Laurens: *Fuente*, 146.
— Lhermitte: *A caminha da Egreja*, 360.
— Lhermitte: *A missa do gallo*, 361.
— Lhermitte: *A victimia do Natal*, 364.
— Lhermitte: *A victimia*, 312 e 313.
— Lorenzetti: *Um bronze*, 204.
— Luiz Deschamps: *A mãe*, 265.
— Malhoa: *Silhouette de Toledo*, 22.
— Manet: *O toureiro morto*, 124.
- BELLAS-ARTES.** — Martini: *A cigarra*, 117.
— Marius Michel: *As duas virgens*, 136.
— Morat: *Martyrio de Jesus de Nazareth*, 88 e 89.
— Moreau: *O egyptologo*, 72.
— Mostes: *O temporal*, 155.
— Rumaio: *A cruz de São Wladimiro*, 381.
— Ramalho: *Retrato de Mme M...*, 154.
— Rapin: *Novembro*, 25.
— Rato: *Calm*, 341.
— Seymour: *Vendedora de laranjas*, 365.
— Silva Porto: *A Salmeja*, 22.
— Sousa-Pinto: *A sapanha das batatas*, 380.
— Sousa-Pinto: *Antes da escola*, 154.
— Stuart: *Disfarce*, 375 e 377.
— Tervant: *Presente de Natal*, 357.
— Tomasi: *A carta de boas festas*, 9.
— Uzés: *O leão amoroso*, 155.
— Villaga: *Ave Maria*, 186.
— Xanter: *Titania*, 321.
— Zier: *Esther*, 252.
— Walker: *Ultimas flores*, 328.
- BRITICA.** — A exposição universal d'Anvers, 229.
— O clacenterario dos caminhos de ferro, 276 e 277.
- BRAZIL.** — Barcos no Amazonas, 13.

- BRAZIL.** — Viaducto da Grotta-funda. — Estrada do ferro do príncipe do Grão-Pará, 60.
— Uma ponte rústica, 245.
— A cascata grande da Tijuca, 269.
— O Brasil em Anvers. — O pavilhão do café, 264.
— O Brasil em Anvers. — A sala da exposição brasileira, 264.
— Rio de Janeiro: A praça da Saudade, 84.
— Rio de Janeiro: A baía de Botafogo, 109.
— Rio de Janeiro: Vista da Barra, 116.
— Rio de Janeiro: A *Semana*, 134.
— Rio de Janeiro: A pedra do Maracá, 141.
- EUROPA.** — A Insurreição na Romênia, 333 e 349.
- FRANÇA.** — Banhos de mar em França, 261.
— Eclipses em França. — Um *meeting* de socialistas por Béraud, 296 e 297.
- HESPAÑA.** — Os tremores da terra, 33, 36, 44 e 52.
— Sexta feira de Paixão em Sevilha, 85.
— As corridas de toiros, 125.
— O cholera. — A vacína do dr. Ferrán, 209.
— O conflito hispano-alemão. — Manifestações em Madrid, 285 e 293.
— O conflito hispano-alemão. — As ilhas Carolinas, 292.
— O cholera. — As emigrações, 309.
— Madrid: O palácio do Pardo, 381.
- HUGO (Victor).** — O nascimento de Victor-Hugo, 84.
— Gloria ao Genio, 161.
— A casa onde nasceu Victor Hugo, 164.
— Os logares amados de Victor Hugo, 165.
— Retrato de Victor Hugo, por Bastien-Lepage, 168 e 169.
— O general José Hugo, pai de Victor Hugo, 172.
— A casa onde morreu Victor Hugo, 172.
— A sala de recepção de Victor Hugo, 172.
— Os funerais de Victor Hugo, 171, 180, 184, 185, 189 e um supplemento.
— Victor Hugo à hora da morte, 181.
— Victor Hugo morto, pintado por Bonnat, 188.
— Um desenho de Victor Hugo, 196 e 244.
— Victor Hugo e a sua obra, 197.
— Quatro retratos de Victor Hugo, 244.
- ILLUSTRAÇÕES.** — Adrien Maris: *Villegiatura*, 241.
— Beliceroix: *O tempo da capa*, 257.
— Caran d'Ache: *Páginas alegres*, 260.
— Caran d'Ache: *Um drama terrível*, 260.
— Caran d'Ache: *Páginas alegres*, 268.
— Job: *Páginas alegres*, 248.
— Mari: *Durante o Carnaval*, 45.
— Paredes: *O dia do finados*, 305.
— Ramalho: *A maluca d'A dos Curvos* (conto pelo Conde de Ficalho), 37.
— Ramalho: *Nosso Senhor Jesus Christo* (conto por Bento Moreno), 101.
- ILLUSTRAÇÕES.** — *Villaça: Um anno que partio*, 28.
— **INGLATERRA.** — Notícias do Egypto nas ruas de Londres, 65.
— **ITALIA.** — O dia de Reis em Roma, 81.
— Roma. — A lavagem dos carneiros, 237.
— **LISBOA.** — O *Antonio Maria* (reproduções) 68, 69, 76.
— *Kermesse* no Passio da Estrella, 104.
— A *Arlesiana*, no theatro de D. Maria, 300 e 301.
— A entrada de Capello e Ivens no Tejo, 329.
— **MONACO.** — A chegada a Monaco, 8.
- MUSICAS.** — Alício: *Habanera*, 112.
— Barbaux: *Chanson Hongroise*, 208.
— Carlos Gomes: *Sacra Bandiera*, 128.
— Chopin: *Maçurka*, 160.
— Chopin: *Maçurka*, 272.
— Chopin: *Maçurka*, 303.
— Chopin: *Maçurka*, 336.
— Götty: *La garde-paix*, 144.
— Haendel: *Pastoral*, 320.
— Mouret: *Mouette*, 352.
— Saint-Saëns: *Hyppocras* Victor Hugo, 190 e 191.
— Schubert: *Berceuse des cloches*, 48.
— Schubert: *Air de ballet*, 80.
— Visconde de Arceiro: *Gatoalliment*, (Bluettes), 368.
— Weber: *Marches des bohemians*, 64.
— Weber: *Nuit d'été*, 240.
- NUMISMATIC.** — O dinheiro de Judas (desenho de Viérge), 83.
- PARIS.** — Os patinadores no Bosque de Bolonha, 61.
— O boulevard dos Italianos, 77.
— Uma exposição de quadros, 100.
— A livreria Charpentier, 108.
— No dia do *Veritissage*, 132.
— Nas margens do Sena, 133.
— Últimas modas, 140.
— Durante o verão, 193.
— O *Grand-Prix*, 200 e 201.
— Em frente do moinho de Longchamp, 204.
— O dia 14 de julho, na Comedia Francesa, 212.
— A estatua de Voltaire, 225.
— A decoração do Arco de Triunpho, 236.
— Últimas modas, 268.
— Um domingo no Sena, 268.
— O *Intransigente* (reducção photographica), 281.
— As eleições. — Tumultos no boulevard, 332.
— Capello e Ivens em Paris, 356.
- PORTUGAL.** — Vista da cidade do Porto, 132.
— Uma pinagem de Riba-Tejo (desenho de Ramalho, seguida uma photographia do sr. Carlos Relvas), 233.
- PORTUGAL.** — Exposição portugueza em Anvers. Várias salas, 228, 233, 236.
- RETRATOS.** — Afonso, XII, 369.
— Anselmo Braamcamp, 373.
— Antonio Augusto d'Aguiar, 52.
— Antonio do Quental, 273.
— Bastien-Lepage, 4.
— Benjamin Constant, 149.
— Bismarck, 1.
— Bonnat, 149.
— Bouguereau, 140.
— Boulanger, 149.
— Breton, 149.
— Cabanel, 149.
— Capello e Ivens, 329.
— Doré (Gustavo), 95.
— Drez, 149.
— Duran, 149.
— Edmond About, 36.
— Eça de Queiroz, 273.
— Ferraz (dr.), 257.
— Feytaud Perrin, 149.
— Gervex, 149.
— Gordon, 69.
— Guerra Junqueiro, 273.
— Hanmer, 149.
— Laurens, 149.
— Luiz Couty (dr.), 196.
— Marquez de Penafiel, 12.
— Morat, 140.
— Oliveira Martins, 273.
— Olivier Pain, 284.
— Pereira Reis (dr.), 60.
— Perrin (Emile), 332.
— Pinheiro Chagas, 233.
— Puvion de Chavannes, 149.
— Ramalho Ortigão, 273.
— Raphael Bordallo Pinheiro (por Columbano), 73.
— Rochefort, 281.
— Renouf, 149.
— Roll, 149.
— Rosa poe, 20.
— Sardou (quadro de Giron), 17.
— Sarah Bernhardt (por Bastien-Lepage), 24 e 25.
— Theodorico (o actor), por Bordallo Pinheiro, 116.
— Theresopolis (barão de), 152.
— Vallès (Jules), 70.
— Zola, 67.
- RUSSIA.** — A peste em Astrakhan, 12.
— O inverno, 324.
- SCIENCIAS.** — A rainha do seculo, 113.
— Pasteur e a cura da hydrophobia, 340.
— Torpedeiro sub-marino, 373.
- THEATROS.** — O 5.º quadro da *Theodora*, por Adrien Maris, 29.



A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

escritorio, 6, rue Saint-Petersbourg
Assignation

ANNO. 1885. 14 francos
Subscription
Anno. 1885. 14 francos
Se paga da Europa 14 francos por semestre e 28 francos por anno.

2.^o Anno. — Volume II. — Numero 1.

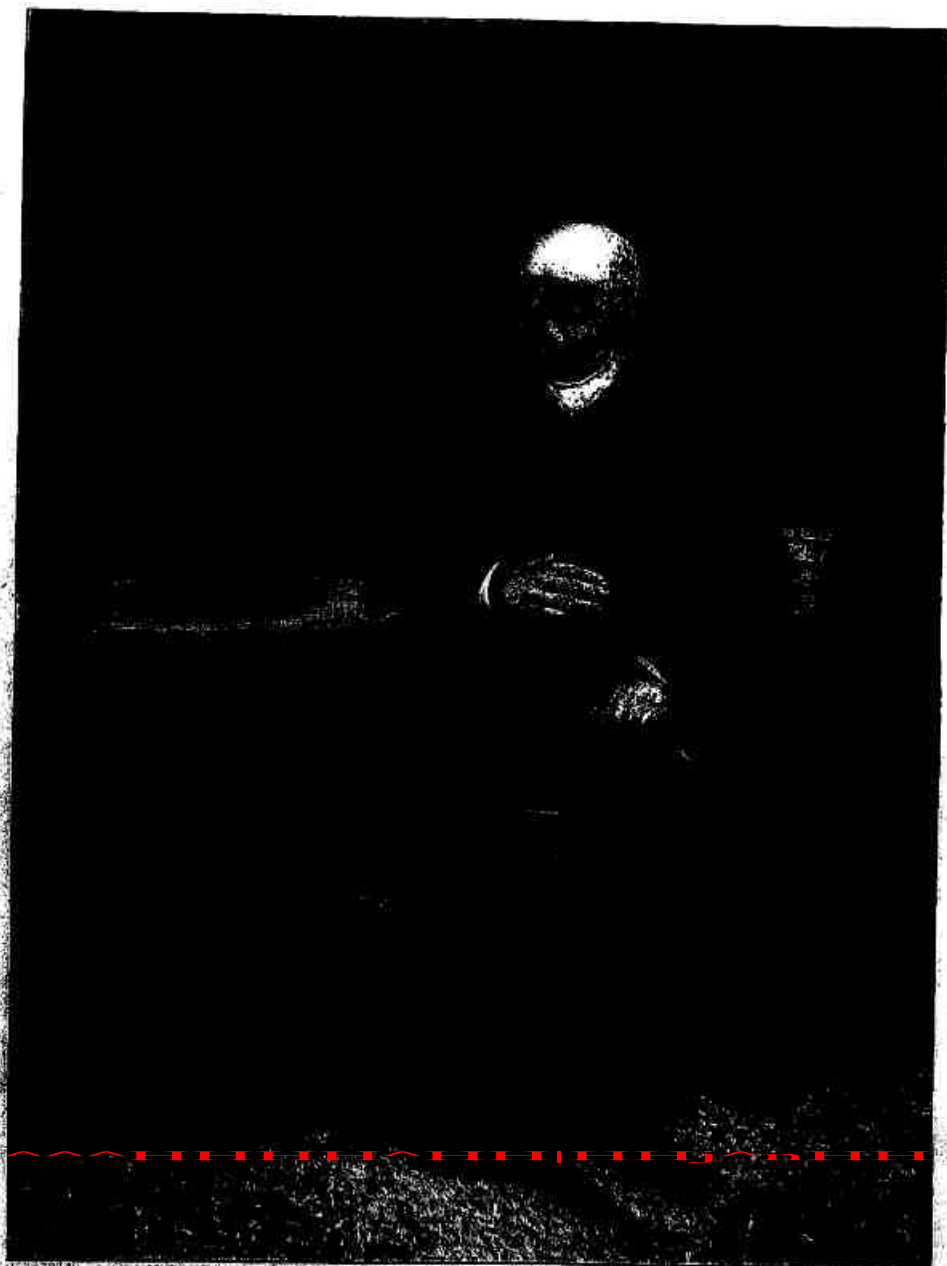
PARIS 5 DE JANEIRO DE 1885

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

6471 13 11 1011 Pcs. 24, R. do Ouvidor,
a. expeditores

Anno. 1885.	12.000
Subscription	6.000
Anno. 1885.	14.000
Anno. 1885.	000



O PRINCIPE DE BISMARCK

W. Bismarck
Prinzipal von Bismarck



Preambulo. — Os pedantes. — Os meus receios. — As edições de Natal. — *Deux amies*, de René Maizeroy. — *Letres a une honnête femme*, por Quatrelles. — *As mil e uma noites do theatro*, por A. Vito. — Os supplementos literarios do *Correio da manhã*.

Meu caro leitor, eu sei que tu detestas os pedantes e sei tambem que não te é preciso muito para mimosceares com este epitheto, acompanhado d'um significativo movimento de hombros o ente cuja voz, cujas opiniões, cujo penteado dessinam das tuas ideias sobre o modo por que se deve fallar, opinar e alisar o cabelo n'este mundo. Não é preciso muito, repito e accrescento mesmo que basta ás vezes o tolhe de uma phrase, ou mesmo d'um casaco para arrancar dos teus labios a terrivel sentença. O escriptor X. costuma citar Taine nos seus escriptos. Pedante! O pintor Y. foi visto no estrangeiro de *emclenbochen* e *alpenstoeche* na mão. Pedante! O musico Z. usa o cabelo á Capoul. Pedante! O jornalista V. faz artigos de critica. Pedante! Iniplice pedante! Este ultimo sobretudo, porque a palavra critico tem o condão especial de te fazer ouzicar todo.

Nada mais desdenhoso do que o geito do teu labio ao dizer: O critico Osorio! Osorio pode ser um genio mas tu não admittes que Osorio faça critica. Ora ao mesmo tempo que negas a um pobre plumitivo o direito de dizer o que pensa acerca da estatua, do quadro ou do drama do momento, tu és talvez o sujeito da Europa que em face de qualquer d'essas obras de arte declarará com voz mais autoritaria que esse quadro é uma taboleta de estalagem ou que essa estatua é um frade de pedra. Se em S. Carlos por exemplo, um tenor perpetra uma d'essas fiasas que uma gralha mesmo acharia fora do tom, tu ergues o teu pé vingador e com um golpe secco de tacão vingas Euterpe ultrajada. Mas se no dia seguinte o collaborador musical do *Jornal moderno* probar n'um longo artigo que esse tenor deve ser collocado na serie mythologica entre o pavão e a avara — tu encolhes os hombros e declaras que o critico é um pretencioso debruado d'uma ignorante — sem te lembrar que na vespéra fizeras tambem obra de critica e mesmo de demolição.

Ora eu conhecendo perfeitamente esta tua idiosyncrasia (espero que esta palavra não esfriará as nossas relações) este asco particular que te inspiram os criticos, confesso que não me sinto muito á vontade ao encetar a primeira d'estas chronicas. Se tu me vaez, chamar *Sainte-Beuve em herva*, *Gustave Planche a preços reduzidos*, ou quaesquer outras coisas ponteagudas!... Emfim, espero que á força de bonacheirismo e de simplicidade acabarei por desarmar-te, e que no cabo de alguns d'esses passeios de braço dado a travez da litteratura contemporanea, chegarás a convencer-te de que o teu guia ou antes o teu companheiro não pretende outra coisa mais do que indicar-te os bons, os queridos livros que te podem dar a elegia, a saude da alma, a conhaça na vida — e tambem os outros que des-

alentam e repugnam, para que por surpresa se não insinuem no teu lar e manchem a tua estante honesta. Não conclusas porém d'esta especie de profissão de fé que tenciono recomendar-te com ardor a bibliotheca Rosa illustrada ou a realer litteratura *Omnéte*. Tu não és positivamente uma virgem de quinze annos e eu ainda menos uma madre abadesa. É provavel mesmo que tenhamos as nossas *prises de bec* sobre o verdadeiro valor de certas obras que a moda, um falso gosto e um falso *pschutt* apregoam por toda a parte como honestissimas e moraes e que eu acho simplesmente obscenas. Por outro lado succeder-te-ha ouvir-me louvar com enthusiasmo certos nomes que o mesmo gosto e o mesmo *pschutt* designam ao teu odio e ao teu anathema. Estas dissidencias são mesmo convenientes. Provar-te-hão primeiro que eu não sou um *vil adulador* e que no meu desejo de te agradar não vou até o ponto de dizer que *sim* com a cabeça a tudo do que tu gostas. Por outro lado á força de te contrariar em certos pontos, talvez te decida a ir ver pelos teus olhos em vez de te fiar na opinião em voga, o que pode dar de vez em quando o resultado imprevisto de te pôres d'accordo comigo, com o que eu ficarei muito lisongeado. Em troca, prometto dizer-te as coisas chãmente, em linguagem corredia, sem papellotes de imagens pantafasadas (com excepção d'esta ultimo); e em materia de espirito se não posso prometter-te o do sr. de Voltaire, procurarei ao menos ter o de toda a gente que, segundo se diz, ainda é maior.

Dá-me pois o teu braço e partemos. As ruas estão em festa. É a semana das *étrennes*. As livrarias resplendem como sanctuarios. As edições maravilhosas que o Natal faz brotar n'este solo pingue de talento, forram de alto a baixo as prateleiras.

É uma profusão de verde, de azul, de vermelho e de oiro, que deslumbra o olhar e encanta o espirito. Por pouco se tenha a fibra bibliomana, não se pode reprimir um calafrio de voluptuosidade ao contemplar todas estas maravilhas. O luxo das edições modernas excede tudo quanto a phantasia pode sonhar de mais arrojado. As artes todas e de todos os tempos fundem-se no esplendor total do livro triumpante.

Os estofos mais ricos, as materias mais caras, os metais mais preciosos, o setim, o velludo, o marfim, a tartaruga, a pelle de crocodilo, de serpente, o nickel, a prata, o oiro, as cores, as gravuras, as impressões polychromas, as illuminuras pacientes e custosissimas, as letras ornadas de motivos caprichosos, os cul-de-lampes, o papel Whatman, o papel Japão, o pergaminho e finalmente o Jaleto sem o qual todas estas maravilhas ficariam tenebrosas e que as banha e irisa em fulgurações de sol.

Vê por exemplo o que o Natal nos trouxe este anno. Eis *Mireille* o delicioso idyllio de Mistral, com a sua capa de pellica granulada e branca sobre a qual se estampa, como se ali houvesse tombado por accaso, um ramo druida de *gui viridente*; eis a *Historia de Jeanne d'Arc*, com a estatua da heroica virgem, impressa em oiro em fundo escarlate; eis a *Vida de S. Francisco de Assis*, com duzentas gravuras devidas aos primeiros artistas de França, obra-prima de typographia que marcará data nas artes de impressão; *L'Art d'être grand père*, de Victor Hugo, com a griffe autographa do velho leão e toda resplandecente

de estampas; o *Uhlano*, de Deroulède; os *Contos para a juventude*, de Alphonse Daudet; a *Pagina de amor*, de E. Zola, etc., etc. Vem em seguida a litteratura infantil, os *Contos de Perrault*, editados pela 1.000ª vez e sempre frescos e perfumados como se houvessem sido escriptos hontem, as *Fabulas de Lafontaine*, a *Historia de Collin Tampon*, por Quatrelles, um escriptor de quem ainda terei de fallar no decurso d'esta chronica, e finalmente a longa epopeia similiscentifica de Julio Verne...

Quando escrevo « finalmente » é para acabar o periodo, porque na verdade seriam poucas as columnas d'este jornal para enumerar as publicações da epocha. O que se gasta em França n'este tempo em livros de luxo, excede todo o calculo. É realmente pena que o costume de se offerecerem livros nas epochas de festa não venha substituir no nosso paiz o semsaborio costume das amendoas.

Seria um pretexto magnifico para se ler alguma coisa, e elles não abundam tanto entre nós que se possa desprezar um que seja. Por outro lado, evitar-se-hia um numero consideravel de colicas, com o que toda a gente ganharia, se exceptuarmos os pastelleiros e os boticarios.

Aqui está em cima da mesa um bonito volume de 300 paginas, intitulado *Les Deux amies*, de René Maizeroy.

Quando lhe tiver consagrado as dez ou vinte linhas a que tem direito, farei com elle uma bella chamma na minha chaminé.

Como já te disse, eu não sou dos que deante da Venus de Milo exclamam, baixando os olhos — *cachez ce sein que je ne saurais voir*. Este livro porém toca com mão tão pouco dextra e tão brutal uma questão tão repugnante, que meu grado meu sinto quasi vergonha de o ter lido.

Para que fallar d'elle então? perguntarás tu. Quando mais não seja para que tu o não leias e já dou o meu tempo por bem empregado.

O que me irrita sobretudo n'este romance é o elle estragar, com a pessima disposição do entrecabo, com a preocupação da lubricidade e com o estudo superficial de caracteres pintados de *chic*, um assumpto que tratado por um mestre da força de Zola ou dos Goncourt seria uma terrivel e moralisadora lição. É uma historia d'uma d'essas ligações antinaturaes que tão frequentemente se estabelecem entre as educandas dos conventos. No nosso paiz, essas ligações tem o nome significativo de *senti-mentos*.

Ellas constituem uma das chagas tanto mais terribes quanto mais occultas da sociedade contemporanea. O escriptor de envergadura genial que fizesse sobre este assumpto uma obra definitiva e cruel produziria sem duvida na sua epocha e no seu meio um abalo sem exemplo. René Maizeroy, na sua qualidade de simples *rapin*, deixou tudo por fazer. D'este livro incompleto, superficial, torturado, pretencioso, salvam-se a custo quatro ou cinco boas paginas.

O estylo indeciso ainda, por vezes banal como um noticiario, outras amaneirado e alambicado, recordando o de algumas das mais pretenciosas novellas de C. Mendés, sem a phantasia, a elevação, e o colorido poetico d'este ultimo artista,

— trae o escriptor novuto que cinco ou seis volumes mais ou menos pornographicos ainda não conseguiram definir e que anda tateando a busca do caminho final onde se firme e marche livremente a sua individualidade.

A minha opinião porém é que René Maizeroy — um dos jovens escriptores da voga — nunca terá folego nem musculo para um volume de trezentas paginas. Ha-de exgotar-se em quadrinhos de genero amavelmente executados e nada mais.

Alphonse Karr tem, sem o saber talvez, um filho que se chama Quatreilles. O attestado de filiação é este livro *Lettres à une honnête femme*.

É a mesma ironia um pouco triste, o mesmo olhar saudoso para o passado, o mesmo estilo incisivo, mordaz, que brilha e fere ao mesmo tempo, — um estilo e um estylete.

Oçam esta bonita definição :

..... A amizade tem os mesmos ardores que o amor. Dê-se-lhes duas cidades, servidas por uma unica estação. Um bosque espesso occulta-as. Seria facil tomal-as uma pela outra e entã-se já bem perto, quando de subito e caminhar bifurca.

Os acontecimentos contemporaneos, o divórcio, o cholera, as festas nacionaes em Paris, os concertos de caridade, etc., inspiram-lhe paginas encantadoras de *humourismo*. A philosophia de Quatreilles, se se pode empregar esta grave palavra com um escriptor tão mundano, é facil e levemente sceptica. Raras vezes, quasi nunca mesmo, se lhe percebe a indignação sob o sarcasmo penetrante. Aqui e acolá uma outra pagina fresca como um lilaz e impregnada de poesia melancolica abre no fusilar aspero das ironias uma larga fresta para o céu azul e para a natureza em flor.

Mas são curtas essas paginas. A realidade brutal, dolorosa ou comica, eis o que o interessa e o prende. Queréis fazer um pouco ideia das ruas de Paris nos ultimos annos do seculo xix. Lê-de. É uma mulher que escreve :

— Já se não pode mandar as creanças a passeio; possivelmente. Os pequerruchos, gestam de figura. São bonitas as que se veem agora nas esquinas! Que expostão permanente de imundicies! Tenho sempre de andar com o guarda-chuva aberto entre minha filha e a parede. Por toda a parte, padros ebrios, mulheres violentadas, freiras atregaçadas, Christos mascarados, creaturas em trajes luzes que é facil-supper-se que um novo reforço de phylloxera recentemente desembarcada devorou bem mal a propozito, a ultima das folhas de vinha. Que diarias os que affixam taes indecencias se as pândurassem no quarto de suas filhas?...

..... Hontem, oçam, não vou mas longe do que hontem, — subo com Lucy para uma carruagem descoberta. Eu supponho que o cavallo sympathisou comosco, porque se poz a trotar sem se importar com o cocheiro que se esforçava por lhe fazer comprehender que o haviam tomado á hora. O animal insiste; o outro tambem e enão começa uma arenga apimentada, um rowrie! epithetos capazes de escandalisarem uma assembleia eleitoral : « Tu te dars o trote grandissima..... pedago de..... e de..... e de..... » Eu entre tanto tapava o melhor que podia os ouvidos de Lucy; mas aí de mim, n'estas occasões por mais que se faça sempre passa alguma coisa.

Zingo-me; o cocheiro redobrou de injurias e trata-me deante de minha filha como nunca uma ebría foi tratada. Deço do trem, tendo pugo ao miseravel que me insultava tres francos por uma corrida de tres minutos.

Chamo um tramway, « Completo! » Apressamos o

posso. Ha lugar no carro immediato mas o conductor não quer parar e pretende fazer nos subir com o carro a andar. Recuso e com razão. Este senão tem um modo familiar de ajudar a gente a subir para o estribado que põe nobres negros no banco..... e no tecto.

..... Faltam, acabamos por subir. Tendo um lugar a esquerda e Lucy sentou no banco, « Vae! complete! » a filha de minha filha, dois namorados, debaixo do arco da outra cuba, estão enlaçados no no tecto. A como hei de eu dizer isto? fenna, enfim, encora languidamente a cabeça ao hombro do macho. Os seus olhos enlaxam-se, as suas mãos juntam-se.

De tempos a tempos, as duas fabios encostam-se, ligeiramente, peço ao conductor que interveio.

— Que tenho eu com isso, não me diga —
— É resolutante!
— Pois fache os olhos!
— E minha filha que está ao pé d'essa gentilha!
— Deixe-a lá. Está a estudar.

Chamo Lucy. Aparento os. Numa taberna, uma pharmonica entoa canticos obscenos. Aproximo o passo, embora me falta a respiração. Creaturas perdidas perdidas e que se acham sempre, acotillando nos passetos. Descendo para a calçada, a risco de nos fazermos atropellar. Nas janelas, damas em penteador fazem propositos aos transeuntes. Por onde andar, meu Deus! por onde!

Caminhando ao longe das paredes. Certas rixas fazem-me subir o rubor da faces. Perfumarias fraudulosas e livrarias pornographicas obrigam-me a baixar os olhos. Anojado volto a cabeça para a esquerda, até que um kiosque, ferrado de jornaes com gravuras, m'a faz voltar para a direita.

Parámos aqui. A descrição não é completa mas dá a ideia da forma e da maneira do escriptor.

As mil e uma noites do theatro eis um titulo que deixa logo de parecer phantastico assim que se saiba que o seu auctor A. Vitu é ha mais de treze annos o critico dramatico do *Figaro* e que este volume é o primeiro d'uma collecção de artigos sobre todas as peças theatras que se tem representado em França desde 1871 até 1874.

A. Vitu constitue com Sarcy, J.-J. Weiss e Lapommeraye o terrivel quadrumvirato que em Paris decide das reputações e dos successos theatras. Assim como a heroína das celebres estancias de Corneille, uma peça nunca passara por bella

qu'autant qu'ils l'auront dit.

Graves, compenetrados, elles assistem ás primeiras representações com o ar solenne de vellos desembargadores encarregados de julgar facinoras endurecidos no crime. Os facinoras entretanto, occultos araz dos bastidores, espíam ansiosamente o que se passa na physionomia dos quatro juizes. Um espirro, um bocejo, uma pitada de rnpé, uma palavra em voz baixa para o espectador visinho — são logo interpretados, commentados, discutidos como importantes acontecimentos e indícios significativos. Se Sarcy olha para os camarotes, está tudo perdido, mas se Vitu sorri a um dito da peça, tudo se pode ainda remediar. O publico mesmo participa de egual influencia e muito espectador applaude e retre-se segundo julgou descobrir na physionomia do seu critico predilecto uma impressão favoravel ou desfavoravel á peça. Comprehe-se pois a importancia extraordinaria de que desfructuam aquelles personagens junto dos emprezarios e dos jovens auctores. São verdadeiras potencias com que é preciso contar e cuja influencia entra pelo menos tanto quanto

o incremento das peças no exito que ellas obtêm.

Tem-se visto victimas theatras da primeira noite, arrancadas por surpresa ao julgamento do publico pagante — abortarem miseravelmente a partir da segunda representação e transformarem-se mesmo em lamentaveis derrotas. No intervallo, Parloghes tinha fallado e decidira que a peça era estúpida.

Mais felizes do que A. Vitu, os outros treze, condemnados simplesmente ao folhetim hebdomadario, tem longos dias diante de si para meditar em seus artigos. Vitu esse, rema quotidianamente a galera do *Figaro*. Ainda o pagano vem ao ar sobre a ultima phrase da comedia, já uma carruagem o leva a todo o galope a rua Drouot onde uma equipe de typographos fica de reserva á espera d'elle. Em meia hora, n'uma hora o maximo, o artigo é fabricado, vindo vibrante ainda das emoções da noite.

Horas depois, o espectador do drama, ao acordar, encontra sobre o travesselo do *Figaro* com a descrição completa da peça e com a sua apreciação critica. A este aparato de *reportage* ainda não chegámos em Portugal. Os nossos criticos costumam dormir sobre o caso.

E. Bergerat, quando Vitu e outros lhe demonstram a sua peça — *Le Nom* — vingou-se irritando-lhes desdenhosamente com o epitheto de *soiristes*. A expressão é engenhosa mas injusta com relação a Vitu que é realmente um erudito e mesmo um sabio em materia de theatros. E segundo se diz, o homem de França que sabe mais sobre Molière. Isto já não é pouco, attendendo o que para conhecer a fundo uma personalidade d'aquella envergadura é necessario ter feito os mais solidos estudos sobre a sua lingua e sobre a historia contemporanea de Molière; e o que ácerca de Molière existe na hora em que estamos e já uma bibliographia quasi tão volumosa como a de Shakespeare. Vitu não conhece porém isso apenas, que n'estes tempos de especialidades profundas seria já bastante para a vida d'um homem. Vitu conhece todo o theatro de todos os paizes desde Aristophanes, sabe de cor Corneille, Racine, Regnard e V. Hugo, lembra-se do enredo de todas as peças que tem visto e que tem lido, e sabe descobrir e indicar o dedo por entre o mattagal das scenas da obra triumphante a situação plagiada do obscuro vaudeville, assobiado ha trinta annos.

Conhece, tambem como ninguem, a arte de contar as peças e a arte mais subtil ainda de distinguir na armadura que as reveste a junta apenas perceptivel por onde pode insinuar-se a lamina da sua ironia penetrante. Mais para ahi o seu saber e falta-lhe a *vista de alto*, o largo folego, a amplitude de ideias e o estylo escultural que dão a J.-J. Weiss o primeiro logar na critica e um dos primeiros na litteratura contemporanea. É miudinho, agarrado ás receitas da velha cosinha theatral, como diz *Ignotus*, sem as quaes não vê taboa de salvação e segundo as quaes se julga obrigado a pespegar um *derreamento* em Daudet com a mesma mão com que coroa d'Ennery ou A. Belot. Quanto á sua apregoada imparcialidade ella não é tão inflexivel que se não curve em biasdicias todas as vezes que a obra a julgar tem por assignatura real ou fingida algum dos *figurantes* que acenam com a profissão de auctores dramaticos — Philippe Gille, Millaud ou Jules Breuille.

O livro de Vitu é todavia inteiramente de correr. Com quanto a maior parte d'ellas paginas tenham perdido a frescura



BASTIEN-LEPAGE

orvalho da ultima hora, da actualidade palpitante, ellas não deixam de ser por isso documentos curiosos sobre a historia da litteratura dramatica, e a esse titulo encontrarão leitores n'este paiz onde essa curiosidade está attingindo um grau quasi morbido. Eu confesso que o li com prazer e gostaria de veras que o nosso difficil e enfadado publico o lesse tambem, para se tornar um pouco mais benevolo com os nossos auctores nacionaes. Quando mais não fosse aprenderia a não julgar a litteratura theatral franceza pela elite apuradissima que ali lhe servem todos os annos e que assim lhe estraga o paladar. Venia então que mesmo no paiz que mais gosto tem para o theatro, como se diz na

nossa terra, por cada 20 que tentam, ha 19 que succumbem e que nas cento e tantas peças (sem fallar nas reprises) que subiram á scena em Paris desde 1871 a 1873, apenas quatro vingaram conciliar os applausos do publico com os louvores da critica, a *Christiana*, de Gondinet, a *Condessa de Sommerive*, de Barrière, *Rabagas*, de Sardou, e a *Visite de Noces*, de Dumas filho. Talvez se convencesse então que quando parecia tudo o que não é uma obra-prima no nosso theatro, e quando affasta da scena por exaggerados rigores homens do valor de Pinheiro Chagas e de Antonio Eanes, da do seu gesto uma ideia para a qual o adjectivo *lisonjeira* não foi positivamente inventado.

Os supplementos do *Correio da Manhã* são os unicos acontecimentos litterarios da ultima quinzena em Portugal.

Escusado é dizer que a nossa sympathia — escrevo em nome da *Ilustração* — está de antemão adquirida a esta interessante tentativa. No proximo numero consagrarei aos notaveis trabalhos ja publicados um estudo especial, de que me privo agora por estreteza de espaço.

JAMES DE SENEKER.



A PRIMEIRA NEVE. — Desenho original de Giacómini



O PRINCEPE DE BISMARCK

No numero 15 da *Illustração*, de 5 de dezembro findo, apresentamos aos nossos leitores o retrato de Stanley, o famoso explorador africano que tanto ruído tem ultimamente levantado em volta do seu nome, defendendo as pretensões da Associação Internacional — de que é presidente o rei dos belgas — no que diz respeito às regiões do Congo. Não nos moyleu sympathias nem antipathias publicando o seu retrato. No programma da *Illustração* não se acham incluídas ideias políticas sejam de que ordem for. Era uma physiognomia da maior actualidade que era necessario tornar conhecida do nosso publico, e não hesitámos um momento em dar-lhe toda a publicidade. Aos que conhecem profundamente os assumptos africanos é que deixámos, com o nosso silencio, occasião para uma critica sympathica ou desagradavel.

Hoje, sempre animados das mesmas intenções, tendo apenas por fim satisfazer a curiosidade do publico, damos um magnifico retrato do Bismarck, o grande chanceller do imperio allemão, o presidente da conferencia internacional africana que se reuniu em Berlim, e onde representavam Portugal os ses. marquez de Penafiel e Serpa Pimentel.

É o ultimo retrato de Bismarck, este que hoje damos. Tirado ha pouco tempo na casa de campo do chanceller allemão, foi confiado uma prova a um ornal de Berlim que acaba de o publicar, e que pela sua vez o cedeu á *Illustração* e a um outro grande jornal de Londres.

O principe de Bismarck, este famoso personagem, cujo nome anda ha quinze annos envolvido n'uma lenda de terror e de absolutismo, é o mais sympathico dos homens e o mais agradável dos velhos. A grande qualidade que tem (dito d'elle o primeiro personagem do imperio allemão) é o patriotismo. Talvez que tenha sido prejudicial a outros — mas tem sabido levantar o seu nome, grande gloria, e dar á Alemanha um prestigio de primeiro plano. É até invejada pela propria Inglaterra.

Bismarck na sua vida politica é um homem simples, um rusticão, adorado dos camponeses, vivendo a vida mais tranquila e mais silenciosa, ou no seu gabinete de trabalho ou no seu jardim, á sombra d'uma arvore, o caçador bem carregado, e o seu bello cão aquecendo-lhe os pés. No parlamento é elle tenaz, absoluto, despoitico mesmo. O seu exclusivismo tem-lhe acarretado grandes inimigos de politicas, e nestes ultimos annos tem sustentado no parlamento a mais encarnizada lotta contra os liberais. Ninguém dirá, ao ter conhecimento das suas façanhas politicas e diplomaticas, o quanto este homem é despretensioso euffavel no trato intimo e para elle, a sua maior satisfação, é saber que os camponeses no meio de quem vive e adorm não por adulação, mas sinceramente.

No momento em que escrevemos fallam-nos: Paris da proxima visita a esta cidade do principe de Bismarck, do passageiro para Nice, onde sua esposa vai passar o inverno por conselho dos medicos. Esta passagem por Paris é um pretexto para uma entrevista entre Bismarck e o sr. Ferry, o presidente do conselho de ministros. Como sabemos a Alemanha póz-se de accordo com a França para tratar assumptos colonias. A entrevista da que se fallu será o complemento d'uma alliança bem declarada.

Como os tempos mudam!... Quem diria em 1870 que o principe de Bismarck havia de entrar em Paris para ir — para fazer da Alemanha uma alliança com a França!

E ve a alliança se não declara publicamente a

nunciada entrevista terá como pretexto uma aproximação amigavel, e a confirmação official de que a Alemanha tomará parte na grande exposição universal que se ha de realizar em Paris em 1889.

A PRIMEIRA NEVE

GIACCOMELLI não é um nome ignorado dos leitores da *Illustração*. Tiveram occasião de o ver firmando um soberbo quadro *Naufraio*, e que inspirou versos deliciosos no nosso assiduo collaborador Jayme de Segur.

A composição que elle hoje nos offerece, e que tem por titulo *A primeira neve*, não é menos sympathica nem menos bella do que a outra a que alludimos. Giacomelli é um eminente naturalista que tem passado toda a sua vida a estudar as aves, produzindo os mais extraordinarios e curtos quadros. Ninguém como elle, para saber pintar as misérias e as grandezas dos passarinhos, as suas tristezas e as suas alegrias, as suas luctas, as suas dôres, as suas felicidades.

A *primeira neve* é um verdadeiro poema do inverno, o difficil seria a um poeta da penna poder ser mais eloquente do que o nosso artista, na soberba pagina que nos temos a satisfação de offerecer a os nossos leitores.

MONACO



MONACO | Monaco I...

Quantas alegrias o quantas tristezas; quantos momentos de felicidade diante d'um punhado d'ouro e de notas de mil francos que se acorda do ganhar ao jogo por um acaso feliz da sorte — e tambem quantos momentos d'angustia, de hesitação horrivel, diante d'um revolver, no silencio glacial d'um quarto d'hotel, quando se acaba de perder sobre o panno verde do Casino, o que se tem... e o que se não tem, e que se não pode pagar nas vinte e quatro horas da praxe.

Monaco é seguramente o inferno mais bem acabado que o diabo consentiu sobre a terra com todos os encantos d'um Eden.

Este inferno veio Satanaz collocar o n'uns baldios e montanhãs estereis, á beira do Mediterraneo, entre a França e a Italia, sob um céu azul que faz inveja ao bom céu portuguez e junto a um azul do mar que só Virgilio contou bem.

E foi o diabo, positivamente o diabo, que transformou este terreno esteril no mais delicioso e encantador jardim como se não encontras outro igual em toda a Europa, nem mesmo para os lados d'Andaluzia. E depois de ter edificad'o neste palmo do terreno os mais deslumbrantes hotéis e o mais esplendido Casino; e depois de ter mettido varias ruletas em varias salas, fez de tudo isto um principado que deu a administrar a um principe, diziam-lhe: « Abre as portas aos jogadores! »

E desde esse dia Monaco é frequentado por todo o mundo, e n'este inferno com ares de Eden, rolam durante os mezes d'inverno, quando o termometro marca 20 graus abaixo de zero em São Petersburgo e 12 graus em Paris — milhões e milhões, como só rolam em tanta quantidade nos bancos de Paris.

Mas Monaco ao mesmo tempo que é inferno para quem joga, é tambem um paraíso para os que têm dinheiro e vão para ali gozar de dezembro a fevereiro d'um sol esplendido e do mais suave das temperaturas. Monaco e Nice formam uma das mais afamadas e das mais agradaveis estações d'inverno que a Europa possue.

Basta olhar para a soberba pagina de Riou, um dos mais celebres desenhadores francezes, para se fazer uma ideia completa do encanto d'aquellas paragens. — d'esta vida tão feliz e tão rissonha que podem gozar os que possuem aquelles chalets que mal se entrevêm, ao longe escondidos em mysticos e segredos de verdura e de flores, e que somem para este mar tranquillo d'olhada, apenas salpicado pela brancura das velas brancas.

Este anno vai passar o inverno para as proximidades do Monaco a princeza de Bismarck, a quem os medicos allemães aconselharam o meio da da França.

A viagem vai dar occasião á passagem por P. ris do principe de Bismarck e a uma entrevista entre o chanceller do imperio allemão e o sr. Jules Ferry, presidente do conselho. Nice é o pretexto para um grande acontecimento politico cujos resultados ainda estamos longe de prever.

A CARTA DE BONS FESTAS



« Muito boas festas! Muito boas festas! » Quantas cartas, de todos os formatos e de todas as côres, não andam cheias d'estas boas palavras, pelo mundo inteiro, pelo vasto mundo, na ultima semana de dezembro e nos primeiros dias de janeiro.

Chegam de todos os lados a todos os lados, até mesmo ao fundo dos Pampas e mais longe ainda, no fundo dos mais obscuros casebres das aldeias ignoradas da provincia. Mas não é um caseiro obscuro que habita a adoravel senhora, a noiva ou a esposa de maninho que Tomasi — um distincto artista — nos pinta de pé, diante d'uma esphera terrestre e procurando sobre os continentes o lugar perdido donde lhe veio a carta que ella tem nas mãos, a carta do ausente.

Foi para o Brazil, ou para a China, ou para os confins da Africa que este ausente partiu. Foi para lá que elle desapareceu. Está acolhi, navegando ou estacionando, arriscando talvez a vida, longe de todos quantos o amam e o estremecem. As vezes passa-se muito tempo sem que elle escreva. Passam-se dias e dias, semanas e semanas, sem que a sua letra surja. Mas não se esqueceu de escrever uma boa carta para que chegue ás mãos dos entes queridos na quadra das grandes festas da familia — e o olhar commovido da noiva ou da esposa procura sobre um ponto do globo Rio de Janeiro ou Lisboa e esta ideia não a abandona: « Está agora ali! É d'ali que elle me escrevel... Tão longe!... No fim do mundo!... »

E do Natal ao dia do Anno bom ella olha repetidas vezes a esphera girando em torno do seu eixo, e ha de interrogar os continentes, os mares, as ilhas e ha de fixar a vista sobre o ponto do mundo onde elle vive e onde elle escreve, até ao dia em que recoba uma nova carta, a ultima carta do ausente, a carta que é saudada com um grito d'alegria, sublimada com um estremecimento do coração e onde elle escreve:

« Estou de volta! »

Quantas saudades, quantos sorrisos, quantas lagrimas movem (quem sabe?) não ha de provocar a delicada e lindissima graxeta que a *Illustração* tem hoje o prazer de publicar! Quantas!... Tão certo d'isto está o auctor como estamos nós, o auctor que deu uma boa parte do seu merecido reputação a este delicioso e sentido quadro que é uma verdadeira obra-prima de elegancia e simplicidade.

O SR. MARQUEZ DE PENAFIEL



Bismarck de nascença, foi addito á legação do Brazil em Lisboa durante bastantes annos. Foi durante a sua estada n'esta capital que realisou o seu consorcio com a filha do conde de Penafiel, antigo correio-mór. Naturalizado cidadão portuguez foi elevado a marquez de Penafiel depois nomeado para o reino. Toda a sociedade elegante de Lisboa conhece esta physiognia sympathica, este distincto e perfeito cavalheiro, de quem a *Illustração* publica hoje o retrato, e cujas recepções brilhantes fizeram epocha e ficaram celebres na capital portugueza. Ha trez annos o governo de Sua Magestade nomeou-o seu ministro em Berlim, e ali tem adquirido verdadeira estima e profunda consideração não só da corte imperial como tambem de todo o corpo diplomatico, onde o seu nome é sempre pronunciado com respeito. Foi na

qualidade do representante do governo português que o sr. marquez de Penafiel tomou parte na conferencia internacional africana presidida pelo príncipe de Bismarck, e onde se tem regulado as importantes questões colonias que dizem respeito a livre navegação do Congo e do Niger. Além do sr. marquez de Penafiel, o governo português também enviou como delegado especial à conferencia africana o sr. Serpa Pimentel, que tempos antes tivera uma entrevista com o príncipe de Bismarck relativa aos direitos de Portugal sobre o Congo.

A PESTE EM ASTRAKAN

A PESTE, este mal extranho, mysterioso e impossível de curar, de que fallam as chronicas da idade media, a verdadeira peste cujo foco é na Asia, mais terrivel que a cholera, acaba d'apparecer a alguns districtos orientaes do imperio russo.

Diz-se que foi um cosaco da provincia d'Astrakan quem importou este melonho flagello. Conta-se que trouxera da Asia menor um chale turco que offereceu a sua noiva. Apenas a rapariga pôz sobre os hombros fol logo assaltada de dores violentas, a pelle tornou-se-lhe preta e morreu na mesma noite.

Foi a partir d'esto momento que o mal se manifestou com rapidez, sendo atacadas familias inteiras que morreram horas depois. O governo russo tomou medidas energicas com o fim de evitar a propagação do mal que se achia concentrado n'alguns districtos da provincia de Astrakan. Os medicos russos recomendam, para combater o mal, o ar puro, os banhos, as imersões em agua gelada, n'uma palavra, a hydrothermia na sua mais completa applicação.

A nossa gravura representa uma curiosa e triste scena. Um bando de individuos atacados da peste foram levados para um rio que se achia completamente gelado. Mandaram-os despir; abriram-se buracos sobre o gelo; metteram ali os doentes e lavaram-os durante uma hora com a mesma agua do rio que gelára a superficie. O tratamento é verdadeiramente horrivel — mas é o unico que se conhece para combater este flagello que felizmente ainda não tomou sérias proporções.

BARCOS NO AMAZONAS

O nosso collaborador artistico F. Villaga mostra-nos hoje um outro curioso e originalissimo aspecto do rio Amazonas, desenhado com esta felicidade e elegancia de traço que tanto o caracterisa e que fazem d'elle um dos mais distinctos desenhadores portuguezes. Escusado será encarecer esta pagina tratada com verdadeiro sentimento, por quo mais do que nós poderíamos dizer, dil-o este desenho aos olhos dos nossos leitores.

São também do lapis do moço artista as delicadas e graciosas vinhetas que hoje ornem as varias secções do nosso jornal.

No proximo numero teremos occasião de publicar — o que não fazemos hoje por absoluta falta d'espaco — uma espirituosa composição sua, allusiva ao anno de 1824, cuja partida lhe inspirou um bem elegante desenho.

A ILUSTRAÇÃO publicará no proximo numero:

~ O celebre retrato de Sarah Bernhardt pintado por Bastien-Lepage, gravura do nosso eminente collaborador Ch. Baude.

~ Um magnifico retrato de Victorien Sardou o illustre autor da nova tragedia Theodora.

~ E um retrato do grande actor Rosa pae, desenhado expressamente para a ILUSTRAÇÃO pelo distincto pintor Antonio Ramalho.



NOVAS INVENÇÕES

UMA MACHINA PARA PRODUIZ CHUVA. — Entre as ultimas invenções que chegam da Australia, achia-se uma machina para produzir chuva em tempo de secco. O apparelho compõe-se de um balão carregado de dynamite que se inflamma por meio de fios electricos communicando com' uma pilha logo que elle attinge a região das nuvens; e a chuva deve cahir. Este apparelho vae ser experimentado na Nova-Galles da Sul, que é um paiz secco, e os habitantes d'esta região esperam impacientes o resultado.

A LITHOGRAPHIA SOBRE ZINCO. — Devo-se a M. Monroq a introdução em França da lithographia sobre zinco que está destinada a substituir a lithographia usual n'um futuro proximo. Eis algumas das vantagens do zinco sobre a pedra:

É dez vezes mais barato e possui eminentemente as mesmas propriedades. O zinco pode dar 15 a 20,000 provas sem ser alterado.

É leve (densidade 7,2) enquanto a da pedra lithographica é de 2,5 a 2,7, pouco volumoso e facil de armazenar. O trabalho é o mesmo que o da pedra e os retacos não apresentam difficuldade alguma. O exemplo seguinte faz ver claramente as suas vantagens: uma pedra *grand monde* pesa 200 kilogrammas, custa 200 francos e occupa um volume de 80 decimetros cubicos; pode ser substituida por uma folha de zinco pesando 3 kilogrammas, valendo 16 francos e cujo volume é inferior a meio decimetro cubico!

FABRICAÇÃO DO GAZ DE ILLUMINAÇÃO POR MEIO DO PETROLEO BRUTO. — O mundo scientifico e industrial tem sempre considerado o petroleo como um recurso precioso para o futuro: machinas a vapor fixas e moveis são aquecidas com petroleo; é um dissolvente magnifico e dá uma luz excellente e pouco cara; além d'isso o solo encerra quantidades enormes de petroleo. Os Americanos tiram d'elle um gaz que empregam para a iluminação e para queimar, que lhes dá resultados excellentes. A Companhia dos gazes extrahidos do petroleo para a America do Norte construiu apparelhos especiaes para a fabricação d'este gaz. Um *galion* (4 litros 5) de petroleo bruto custando 25 centesimos produz mais de dois metros cubicos d'um gaz cujo poder illuminante é 5 vezes mais consideravel do que o do gaz de iluminação ordinario. A instalação das machinas, de um preço moderado, é facil, pouco embaraçosa, e o seu emprego é além d'isso muito simples.

UM NOVO APPARELHO PARA SEGUIR A MARCHA DOS TREMS. — Dois engenheiros allemães, Mayerhofer e Diener inventaram um apparelho muito engenhoso que permite seguir, na gare central de Berlim, a marcha dos tremis circulando em todas as linhas em um rulo bastante extenso. Este apparelho compõe-se de uma lamina circular de vidro opaco com linhas horizontaes e pequenas rectas verticaes. Setas curtas, que representam os tremis, seguem as linhas horizontaes que indicam as vias e passam em frente das linhas verticaes com numeros de ordem, que figuram as gares. As setas são postas em movimento pelos proprios tremis por meio de pequenos instrumentos metallicos que põem as locomotivas geradoras de electricidade em contacto com bandas de zinco applicadas ao longo dos carris.

Este apparelho está destinado a prestar os maiores serviços; um empregado pode seguir, no seu gabinete, a marcha dos tremis sobre uma certa extensão e prevenir telegraphicamente os chefes de gare logo

que um perigo se torna provavel. Os Americanos estabeleceram uma boa communicação entre o condutor e o machinista de um mesmo trem. Na linha de Chicago a Cincinnati todos os tremis estão munidos d'este apparelho que registra todos os signaes. Deste modo a responsabilidade de cada empregado está perfectamente definida.

APPLICACÕES DE ELECTRICIDADE. — A cidade de Munich vae utilizar a força motriz do rio Isar, installada em 1,700 cavallos, para iluminação electrica das suas ruas dos seus monumentos *trazem* cavallo são reservados para este fim, e para os particulares iluminação, força motriz. A sociedade Edison installou 200 lampadas de incandescencia na nova Escola central.

A partir do 1.º de janeiro de 1885, todos os fios empregados na iluminação electrica, na telegraphia ou na telephonia, deverão ser enterrados. O conselho municipal de Philadelphia assim o ordenou no dia 4 de setembro ultimo.

Durante o mez de setembro passado, os 1.º e 3.º regimentos de engenharia fizeram, no campo de Satory, experiencias muito interessantes. Os officiaes eruditos que commandam a Escola militar de Versailles empregam a electricidade na iluminação das galerias de minas, no funcionamento dos ventiladores, na carga de pequenos accumuladores destinados a alimentar as lampadas de duas velas levadas pelos soldados, etc.

O AR DO MAR EM CASA. — Obtem-se muito simplesmente a atmosphera das praias do mar; basta tomar 10 volumes de agua oxigenada contendo um centesimo de ether carregado de ozone, saturado de lodo e encerrando 1 centesimo e meio de sal marinho. Espalha-se esta solução quer por meio do vapor de agua, quer em pequenas gotas a razão de 120 grammas aproximadamente por hora. Obtem-se assim um ar do mar muito agradável e muito sã que é talvez o melhor desinfectante e cujo emprego será precioso nos hospiaes.

NOVO PROJECTO HUMANITARIO PARA A EXECUÇÃO DOS CONDENADOS A MORTE. — Sabe-se que a descarga de uma forte bateria electrica mata instantaneamente um animal (a da Sociedade real de Londres pode matar um boi). Os legisladores americanos da provincia de Vermont estudam n'este momento um projecto de lei para a execução dos condemnados a morte. Propõem-se substituir a força por uma descarga electrica.

O PRIMEIRO MERIDIANO. — A conferencia de Washington para a fixação do primeiro meridiano, terminou os seus trabalhos no 1.º de novembro. Sabe-se que foi escolhido o de Greenwich, cuja longitude accidental, em relação ao de Paris, é de 9 minutos 20 segundos e 6 decimos de segundo.

Uma unica voz se oppoz a adopção d'esta proposição, a do representante de Saint-Domingue; absteram-se os delegados da França e do Brazil.

SEGUNDO A Revue-Gazette maritime et commerciale, o Chili, a Bolivia e o Peru possuem fontes de exploração d'uma riqueza consideravel e são os armazens de abastecimento do mundo inteiro para o iodo, os nitratos alcalinos e os guanos.

A provincia de Tarapaca (Peru), segundo os calculos dos engenheiros europeus e americanos, poderá fornecer todos os annos, durante mais de um seculo, 7 a 8 milhões de quintaes de salitre, e o seu valor é de 3,000 milhões de francos pelo menos.

A exportação do Chili (acotatos e guanos) era de 625 milhões em 1882, quando em 1878 só comprou cerca de 200 milhões.

CONGRESSO DE CLIMATOLOGIA E DE HYDROLOGIA. — Um congresso de climatologia e de hydrologia teve lugar em Biarritz, em outubro de 1884, por iniciativa



ESTAÇÕES

D'INVERNO

A CHEGADA A MONACO PELA ESTRADA A BEIRA-MAR



de uma exposição especial. Organizar-se-hão excursões científicas em toda a região dos Pyrenéus, tendo por objectivo as chãs de aguas e as estações de inverno. O preço da subscrição individual é de 12 francos. As cartas de adesão deverão ser dirigidas ao presidente do Biarritz Association, em Biarritz.

A POPULAÇÃO DE LONDRES, PARIS E NEW-YORK. — Londres encerra 4 milhões de habitantes, habitando 500.000 casas que occupam um espaço de 304 kilometros quadrados, isto é 8 pessoas por casa, 17 habitações e 132 pessoas por hectare.

Paris conta 2.240.000 habitantes, occupando 77.000 casas distribuídas em uma superficie de 78 kilometros quadrados, o que dá 29 habitantes por casa, 10 habitações e 290 habitantes por hectare.

New-York tem 1.350.000 habitantes, habitando 100.000 casas, isto é 13,5 pessoas por casa, em media.

A ORCHESTRA DAS HALLES CENTRAES DE PARIS. — O *Bulletin du ministère des travaux publics* diz-nos que o movimento dos carros que trazem os generos aos pavilhões das Halles é devida consideravel: attendo perto de 152.000 por anno, uma media de 361 por dia. Se juntarmos a estes vehiculos os que vem trazer ou tomar as mercadorias a alguma distancia, obtem-se o numero de 1.301.700 carros por anno ou 3.566 por dia. Os generos consumidos pesam cerca de 1.500.000 quintaes.

A INTELLIGENCIA DOS ANIMAES

O *Konkeou* é uma ave cinzenta da Cochinchina. Vive em bandos; nunca se vê só. O seu nome em annamita significa ave falladora.

Para caracterisar a sua raça intelligente e a facilidade com que se affeição ao homem, os Annamitas contam a seguinte lenda:

« Um lavrador trabalhava tranquillamente no seu campo, quando de repente apparece, n'um vôo rapido, um *Konkeou* familiar da casa.

O passaro pôs-se a puxar pelas vestes do Annamita; depois, dirigiado-se para a habitação, parecia convidar-o a entrar immediatamente. O Annamita, sem comprehender, continuava. Então o *Konkeou*, voltando á carga, usava de outros meios; esvoaçava por diante dos buffalos, picando-lhes as narinas e ameaçando-lhes os olhos como se quizesse absolutamente que se pousasse termo ao trabalho. O Annamita, impacientado deu ao *Konkeou* uma pancada tão infeliz que o pobre animal cahiu morto. O trabalho acabado, o lavrador voltou para casa. Achou a roubada; os cadavres da mulher e dos filhos jaziam por terra. Compreendeu então, inutilmente, a significação das manobras do *Konkeou*; debalde o fiel e intelligente animal tinha feito o seu possivel para o levar em socorro da familia assaltada pelos malfeitores. »

Será isto uma lenda, ou uma historia verdadeira como o affirmam os Annamitas? Os factos que sequegem tendem a dar-lhes razão.

M. Béchu, hoje thesoureiro-pagador geral do Aveyron, tinha sido enviado pelo Thesouro francez para organizar a administração da Cochinchina conquistada. Instalado em Saigon, esquisnou um *Konkeou* que tinha comprado por alguns sapeques.

A ave, muito dada, saltava e esvoaçava pela casa sempre aborrita. Como é sabido, as habitações annamitas tem aberturas para entrar e sair, mas cousa nenhuma para as fechar. « Logo que precisava de comer, diz M. Béchu, procurava-me por toda a parte, quer em casa quer no jardim. Entrava mesmo no meu escriptorio cuja porta estava sempre aberta; chamava a minha attenção por meio do um grito particular; olhava para mim e ia saltando até ao sitio habitual das suas refeições. Se eu tardava a segui-lo, voltava logo, puxava-me pelas calças e

convidava-me por toda a especie de gestos uns mais expressivos do que os outros a acompanhá-lo ao jardim. Então, depois de ter olhado para mim, ia bater com o bico na pia com que eu costumava procurar-lhe os bichos que elle comia. Apenas uma ponta de terra tinha sido removida, logo o *Konkeou* se precipitava a gritar sobre a pia para que ella cessasse de remover a terra; feito isto, procedia rapidamente á extracção dos bichos, que comia com delicia. Quando já nada encontrava olhava para o dono, dava um grito e picaia no chão, dando assim o signal para recommençar o trabalho. Se M. Béchu lhe parecia muito vagaroso, o animal gritava, puxava-lhe pelas calças e por meio de picadas successivas incitava-o a que desenvolvesse mais a actividade.

O *Konkeou* vivia em plena liberdade; mas, á noite, nunca deixava de entrar para casa. « Na rua, quando me reconhecia, diz M. Béchu, esvoaçava n'um circulo por cima da minha cabeça lançando o seu grito familiar; muitas vezes pousava no meu hombro, na minha bengala; depois, passados alguns instantes, partia de novo voando. Um dia para se distrahir, M. Béchu sahira com a sua espingarda. N'uma arvore, onde possuava um bando de *Konkeous*, notou um passaro negro, cuberto de magnificas pennas.

Desejoso de o matar, para o offerecer a um amigo, M. Béchu approximou-se escutando-se por detrás d'uma massa de bambus; chegou a distancia conveniente, sem mostrar mais do que a cabeça, aponta para o animal e faz fogo. O passaro negro cae, diz M. Béchu, e a banda de *Konkeous* logo apavorado, a excepção de um só que voa directamente para mim, pousa no cano da minha espingarda, com as pennas erigidas dando um grito d'indignação; desce até á coronha, e rasga-me a mão ás picadas: era o meu *Konkeou*.

Subiu para o meu hombro, sempre encolerizado; só me deixou em casa depois de meter dado mais de dez picadas na cabeça, e do me ter puxado obstinadamente pelos cabellos.

Depois d'uma mudança, M. Béchu não tornou a ver o seu *Konkeou* ou porque este tivesse desertado da nova casa onde o atormentavam as formigas vermelhas, grandes e ferozes, ou porque morresse victimado de algum accidente nas suas correrias vagabundas.

AGUAS PASSADAS

*O Amôr, que é a treva e a luz da nossa vida,
Que é o fructo e a um tempo a flor d'este deserto,
O eterno Amôr, o Amôr profundo, certo,
Não é nem foi o amôr que me trucidou.*

*Senão, que o digas tu, o' Margarida,
E tu, Leonora, e tu, que vais mais perto,
Mais doce o olhar, mais calmo o seio aberto,
— Valle tranquillo que a sonhar convida...*

*Amôr! clarões do sol com que me abraças
A alma, talvez, na minha noite escura
Todas passaram sacudindo as aças...*

*Todas! E enquanto além, na estrada infinda
Sigo-as, na magua atroz que me tortura
Sei que as amava e amal-as penso ainda.*

Rio de Janeiro. — 1884.

SILVESTRE DE LIMA.



BASTIEN-LEPAGE

O ARTISTA que falleceu ha pouco tempo e de quem a illustração publica hoje o retrato devido ao buril do seu amigo Ch. Baude — era um dos mais eminentes da nova geração d'artistas francezes; um a quem já chamavam mestre e que brilhara extraordinariamente nos ultimos Salões de Paris, apresentando varias telas do mais sabido valor, donde se destacava uma originalidade vigorosissima, a par d'uma factura de primeira ordem.

Bastien-Lepage nasceu no dia 1 de novembro de 1848; todos quantos se interessam pelas questões artisticas se lembrarão de certo do ruido que causaram as suas primeiras telas, do enthusiasmo com que a critica saudou a sua apparição, do successo enorme que obteve o celebre « retrato de meu avô » — uma obra prima da arte moderna que o collocou logo entre os primeiros artistas de França, e que tão apreciada foi pela sua sinceridade, pela nota pessoal que ressaltava de todos os lados, pela immensa comprehensão da natureza, pelas qualidades maravilhosas de sentimento e de execução que o retrato possuia e que constituiriam mais tarde o caracter proprio de todas as suas telas.

A sua carreira foi curta mas ha de ficar assignalada na historia da arte moderna, por que o artista exerceu uma grande influencia sobre muitos dos novos pintores a quem as suas obras com a sua extranha originalidade e perfeita execução, aconselhavam um estudo sincero e persistente da natureza, acompanhado d'uma grande correcção e profunda sciencia do desenho.

Depois do retrato a que alludimos e que foi sem duvida a tela que o revelou á critica e ao publico, vieram successivamente os seus bellos quadros que se intitulam a *Communiantes*, *les Foins*, *la Récolte des pommes de terre*, *le Printemps*, *Jeanne d'Arc*, *L'Amour au village*, *le Père Jacques*, *le Mendiant* e muitos outros — quadros soberbos que lhe valeram varias medalhas e a fita do Legião d'Honneur em 1878.

Mas em que Bastien-Lepage era sobretudo eminente era nos retratos que pintava e que formam uma preciosa galeria de verdadeiras obras-primas. Ficaram celebres entre outros os retratos de Alberto Wolff, o illustre chronista do *Figaro*, seu amigo e seu admirador, e um dos que mais apregou o seu talento por meio da immensa publicidade do jornal onde elle escreve todas as semanas; — o retrato do principe de Galles, que travou conhecimento com o artista no camarim de Sara-Bernhardt, indo este expressamente a Londres para esse fim; — e o retrato de Sarah-Bernhardt. É este ultimo, uma verdadeira maravilha de simplicidade e de sentimento artistico que a *Illustração* vai publicar no proximo numero. A gravura é de Ch. Baude o artista a quem o nosso jornal deve uma parte do seu successo artistico. E não pode ser mais actual a pagina que este jornal vai offerecer aos seus leitores, pois que é uma das obras mais notaveis do pintor illustre que acaba de fallecer, e ao mesmo tempo o retrato da celebre troica de que hoje tanto se falla no mundo dos bastidores a proposito d'esta *Theodora* que ella acaba d'interpretar tão brilhantemente. *Theodora*, a nova peça de Sardou acualmente em scena no theatro de Porte-Saint-Martin de Paris, e que dentro em pouco deve subir á scena no theatro de D. Maria de Lisboa.

Por essa primeira gravura poderão os que me leem fazer uma ideia das superboas qualidades do artista que falleceu ha pouco, e cuja morte é considerada como uma grande perda que acaba de soffrir a arte contemporanea.

A. M.



O SR. MARQUEZ DE PENAFIEL



RUSSIA. — A PESTE EM ASTRAXAN. — Imersão dos doentes nas águas geladas do Volga como remédio preventivo.



BARCOS NO AMAZONAS — Desenho original do nosso collaborador F. Villaca.



A ESTRELLA que deve guiar a marcha do genero humano, é a utopia do philosopho, o sonho do poeta, o ideal do artista. É para a ver que o homem deve olhar sempre para os céus.

CHARLES BLANC.

A deshonra é uma ferida que se cicatriza, mas que nunca desaparece.

(Traduzido do arabe.)

Ha dois dias que chegam muito de pressa : o do casamento, e aquelle em que um sujeito deve ser enforcado.

TACHERRAY.

O juizo é como o gelo; chega na quadra em que já se não precisa d'elle.

MARY LAFON.

A historia d'um regato, mesmo d'aquelle que nasce e se perde na relva, é a historia do infinito.

ELYSEE RECLUS.

É necessario não pensar que, por se ser ministro, se é mais sensato e mais esperto que os outros.

BISMARCK.

O casamento é um livro que não vale o seu prefacio.

Sê bella, se podes; sabia se quizeras; mas o que é preciso é que sejas ajuizada.

BEAUMARCHAIS.

O bom senso é o guarda-portão do espirito : o seu mister é de não deixar entrar nem sair as ideias suspeitas.

DANIEL STERN.

As leis fazem-se na Camara; mas os ministros nos corredores.

EDM. GONDINET.

Abram as portas da verdade e da mentira : é a mentira que ha de entrar primeiro.

NAPOLEÃO III.

Os denses passam como os homens, e seria bem mau se elles fossem eternos.

ERN. RENAN.

Ha tres cousas que as mulheres de Paris deixam pela janella fóra : o tempo, a saude e o dinheiro.

M^{me} GEOFFRIN.

Quando se quer affirmar alguma cousa, chama-se sempre Deus para testemunha — porque nunca nos contradiz.

ELISABETH DE ROUMANIA.

Um exercito que discute, é como uma mão que quizesse pensar.

LAMARTINE.

A experiencia é um tropheu composto de todas as armas que nos feriram.

TH. GEBHAUT.

Ha tolices que um homem d'espirito quizerá ter dito.

Respeitei sempre os grandes, mas faço mais caso d'um grão de bondade que d'um mundo inteiro de grandezas.

P. DE L'ESTOILE.

A alma da liberdade é o amor pela lei.

KLOPSTOCK.

No vasto campo da intriga é necessario cultivar tudo, até mesmo a vaidade dos tolos.

AUG. PRÉAULT.

Passar a vida a fazer tolices e a lamentar-as, não é esta a historia do mundo?

SAINT-ARNAUD.

DEUS

Of Har'u, and front elans! s'poudawr sloug
For his revolt...

MILTON.

Deus existe? — Ou é Deus somente um nome vão?...
E bato do portas d'ouro e de opala da aurora,
Donde o sol — velho leão — noite e estrelas devora;
E as estrellas da noite em louco turbilhão...

Do mar, do vento, do raio, do tempo, do abismo em fôra,
Do argueiro, e a montanha, as lavas, e a vulcão,
Do passado, do porvir, do berço, a covão... Embora!...
Calas a natureza; e me responde: NÃO.

Subo d' minha alma então: chamo-a, interrogo-a... Nada.
E ella fica a oscillar, no abismo pensurada,
Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem fim...

Sô entre o torvelim dos chans em labirinto,
Como com seu borbão na areia um cego, — o instincto
Sobre a poeira dos séos grava um tremido SIM.

LUIS DELVINO.



A GRANDE OPERA de Paris vae enfim soffrer as alterações que merecia. Morreu um director e já se nomearam dois — isto é, não sendo possível encontrar em toda a França um sujeito que reunisse todos os predicados exigidos para o lugar vago, pegou-se n'um homem que tinha muitas boas disposições e collou-se a outro que era primo d'um que morreu e que tambem as tinha, e das melhores, e fez-se com os dois o director modelo. São os srs. Ritt e Gaillard. Como vêem o primeiro presta-se deversas a ser aproveitado para um calembourg, pelo sr. Mendonça e Costa.

Fizeram-se logo transformações. A Opera estava obedecendo a velhos regulamentos impossiveis de respeitar no seculo actual em que os cantores estão caros e o publico exigente. Cortaram-se varias verbas escandalosas ou consideradas como tacs; eliminaram-se certos abusos que andavam passeando pelos corredores com ares de legalidade; já se contractou uma das primeiras cantoras francezas — Adler-Devriès; trata-se de contractar Gayerre; e vão-se dar aos domingos representações populares para o quê, a grande Opera, além do seu subsidio d'um milhão de francos, ainda vae receber mais cento e cinquenta mil francos de subsidio annual da municipalidade de Paris.

Emfim, outros tempos vão chegar; e a grande Opera deixará de ser o theatro do mundo onde o parisiense mais se aborrecia, para se transformar n'um theatro de gozo e de prazer.

Mas tudo isto não passa de projectos e boas intenções. Por enquanto só ha de mudado o director pois que o outro morreu, e um ou outro empregado que pedio a sua demissão por se julgar incompetivel com os novos dominantes. O publico continua, como ainda ha um anno, a ver sempre o mesmo cartaz amarello com a mesma meia duzia d'operas onde raras vezes se faz ouvir um artista de reputação, um artista novo, um artista de fama, dos que arrebatam, como Gayerre, que só se ouviu em Paris pelo acaso d'aqui se ter criado um novo theatro dos Italianos.

Eu não quero dizer com isto que a Krauss, uma grande cantora, e Lassalle, um outro eminente artista, sejam intoleraveis. Longe de mim semelhante ideia. Mas uma Opera como a de Paris não pode viver apenas com dois artistas, excluindo systematicamente da sua scena as grandes reputações europeias, só para ter o orgulho de dizer que de ninguém precisa. Pois precisa!... E o publico parisiense tem o direito de exigir que lhe sirvam no seu theatro de opera os mesmos artistas celebres, que o publico de Londres ou de Vienna todos os annos applaude.

— Mas então deixa a Opera de ser a Academia nacional de musica?...

Batatas! A arte franceza está perfeitamente guardada e protegida com o seu Conservatorio e com a sua Academia de bellas-artes que acaba de eleger Léo Desliles para o *fauteuil* vago pela morte de Victor Masse. Mas quando a Opera, ao simples theatro em si, que serventões frequentadores o que ha de bom por esse mundo de Christo e que Paris não seja eternamente

